

**O MÉDICO
E O MONSTRO**
E OUTRAS HISTÓRIAS
R. L. STEVENSON



CLÁSSICOS
SARAIVA

O MÉDICO E O MONSTRO

E OUTRAS HISTÓRIAS

R. L. STEVENSON



CLÁSSICOS
SARAIVA

Tradução de Nair Lacerda

Projeto Gráfico ganhador do
"AIGA 50 Books/50 Covers – 2008",
Prêmio Internacional do American Institute
of Graphic Arts (AIGA)

1ª edição



Editora
Saraiva

Gerente editorial
Rogério Gastaldo

Editora-assistente
Solange Mingorance

Coordenação editorial e de produção
Edições Jogo de Amarelinha

Projeto gráfico, edição de arte e diagramação
Casa Rex

Ilustração da capa
Carvall

Cotejo de originais
Thaísa Burani

Revisão
Carla Mello Moreira, Frederico Ventura

Elaboração *Diários de um Clássico, Contextualização Histórica, Suplemento de Atividades, Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*
Vicente Luís de Castro Pereira

Títulos originais dos textos desta edição:
The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde, The Bottle Imp, Markheim

Impressão e Acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894.
O médico e o monstro e outras histórias / R. L. Stevenson, tradução
de Nair Lacerda. — São Paulo : Saraiva, 2010. — (Clássicos Saraiva)
Suplementado por caderno de atividades
Suplementado por roteiro do professor
ISBN 978-85-02-09492-5

1. Ficção — Literatura juvenil 2. Literatura juvenil I. Título. II. Série.

10-05348

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

8ª tiragem, 2019

© Editora Saraiva, 2010
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810095
CAE: 571368

Todos os direitos reservados.

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

*É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.*

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”

*Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem-preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.*

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute o prazer da leitura. Faça uma boa viagem!



SUMÁRIO

O MÉDICO E O MONSTRO E OUTRAS HISTÓRIAS

O MÉDICO E O MONSTRO 09

História da porta 11

À procura do sr. Hyde 16

O Dr. Jekyll estava bem tranquilo 23

O caso do assassinato de Carew 25

O incidente da carta 29

Notável incidente do Dr. Lanyon 33

Incidente na janela 37

A última noite 38

A narrativa do Dr. Lanyon 48

Declarações completas do Dr. Jekyll sobre o caso 55

O DIABRETE DA GARRAFA 69

MARKHEIM 97

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO 115

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 135

ENTREVISTA IMAGINÁRIA 143



O MÉDICO E O MONSTRO

HISTÓRIA DA PORTA

O sr. Utterson, advogado, era homem de fisionomia ríspida, jamais iluminada por um sorriso. Frio, contido, de pouca fala. Retrógrado no sentimento. Magro, alto, moreno, lúgubre. Mas até que era simpático. Em reuniões amistosas, e quando o vinho lhe agradava, algo de absolutamente humano se assinalava em seus olhos. Algo que jamais encontrava jeito de expressar-se em palavras, mas que falava, não apenas naqueles silenciosos símbolos de um rosto após o jantar, porém com maior frequência e mais audivelmente nos atos de sua vida. Era austero para consigo mesmo: bebia gim quando estava sozinho, a fim de mortificar sua propensão para os vinhos, e, embora gostasse de teatro, havia vinte anos que não cruzava o limiar de qualquer deles. Era, porém, bastante tolerante com eventuais deslizes de seus conhecidos e impressionava-se – às vezes um tanto invejoso – com o poder do efeito do álcool sobre eles. Em caso de extravagâncias, mostrava-se mais disposto a auxiliar do que a censurar.

— Eu propendo para a heresia de Caim — costumava dizer, curiosamente. — Deixo que meu irmão vá para o diabo conforme lhe apeteça.

Dessa forma, acontecia-lhe, com frequência, ser o último conhecimento decente e a última boa influência na vida de homens que se degradavam. E para com esses, enquanto apareceram em sua casa, jamais lhe passou pela cabeça modificar sua conduta.

Sem dúvida, tal proeza era fácil para o sr. Utterson, pois não era uma pessoa expansiva, tampouco afetuosa; sua amizade parecia fundamentar-se em similar universalidade de boa índole. É característico do homem modesto aceitar o círculo de amigos que o acaso lhe apresenta, e essa era a característica do advogado. Seus amigos eram todos de seu próprio sangue, ou aqueles que conhecera havia muito tempo. Suas afeições, como a hera, representavam crescimento do tempo, não implicavam a aptidão do objeto delas. Daí, sem dúvida, o laço que o unia ao sr. Richard Enfield, seu parente remoto, o famoso elegante da cidade. O que aqueles dois viam um no outro, ou que assuntos teriam eles em comum, era um enigma para muita gente. Os que os encontravam em suas caminhadas de domingo diziam que eles não falavam, que tinham um aspecto singularmente embotado e que acolhiam com alívio visível a aparição de um amigo. Apesar disso tudo, os dois homens faziam grande questão daqueles passeios, contavam-nos como a joia melhor de cada semana e não

só punham de parte oportunidades de divertimento, como resistiam mesmo às injunções dos negócios, a fim de poderem gozar deles sem serem interrompidos.

Aconteceu, em uma dessas caminhadas, serem levados para uma rua tributária num dos bairros movimentados de Londres. A rua era pequena e aquilo que chamam quieta, mas ali movimentava-se um comércio próspero, nos dias de semana. Os moradores todos pareciam progredir, e todos em grande emulação para maior progresso ainda, gastando os excessos de seus ganhos em vaidades. Assim, as fachadas das lojas que ficavam ao longo daquela via pública tinham aspecto convidativo, como fileiras de vendedores sorridentes. Mesmo aos domingos, quando seus encantos mais floridos ficavam velados e o caminho relativamente vazio de trânsito, a rua brilhava, em contraste com sua vizinhança sombria, como fogo numa floresta. E com seus postigos pintados de novo, seus metais bem polidos, a limpeza geral e a nota alegre, atraía instantânea e agradavelmente os olhos dos passantes.

Dois portas além de uma esquina, à mão esquerda de quem vai para leste, a linha interrompia-se com a entrada de um pátio. E exatamente naquele ponto um bloco sinistro de construção arremessava para a frente sua empena, sobre a rua. Tinha dois andares, não mostrava janelas, nada, senão uma porta no andar térreo e um frontispício liso, de parede descolorida, no superior. Sob todos os aspectos revelava prolongado e sórdido abandono. A porta, que não tinha sino nem aldraba, estava gretada, e sua tinta desbotava. Vagabundos abrigavam-se na reentrância da porta e riscavam fósforos nos painéis, crianças punham-se a brincar nos degraus e volta e meia um adolescente experimentava sua faca nas molduras. E durante pelo menos uma geração, ninguém aparecera para expulsar aqueles visitantes do acaso ou para consertar o que eles destruíam.

O sr. Enfield e o advogado estavam na outra calçada da rua subsidiária, mas quando chegaram à frente da entrada, o primeiro levantou a bengala e apontou.

— Já reparou nessa porta? — perguntou ele.

E, quando seu companheiro respondeu com uma afirmativa, acrescentou:

— Eu a associo com uma história muito estranha.

— Sério? — disse o sr. Utterson, com ligeira modificação na voz. — E de que se trata?

— Bem, foi assim — retorquiu o sr. Enfield. — Eu ia para casa, vindo de um lugar lá do fim do mundo, mais ou menos às três horas de uma escura madrugada de inverno, e meu caminho passava por uma parte da cidade onde não há para ver, literalmente, senão lâmpadas. Rua após rua, e toda gente adormecida; rua após rua, todas iluminadas como para uma procissão e tão vazias como uma igreja,

até que por fim eu me senti naquele estado de espírito em que um homem põe-se a escutar, a escutar, e começar a desejar que apareça um policial. De repente, vi duas figuras: um homenzinho que seguia para o Leste, mancando mas a bom passo, e uma menininha de oito ou dez anos que corria o mais depressa possível, descendo uma rua transversal. Bem, senhor, os dois trombaram um no outro, ao chegarem na esquina, como era muito natural que acontecesse. E então veio a parte horrível do caso, porque o homem pisou calmamente sobre o corpo da criança e deixou-a aos gritos, caída na calçada. Ouvido, o caso parece sem importância, mas foi uma coisa horrível de se ver. Não parecia um homem: parecia algum maldito Juggernaut¹. Dei um grito de advertência, saí correndo, agarrei pelo colarinho o meu cavalheiro e trouxe-o de volta onde já se formara um grupo junto da criança que gritava. Ele mostrou-se perfeitamente frio e não opôs resistência, mas olhou-me de forma tão horrível que o suor brotou de meus poros. As pessoas que tinham virado a esquina eram da família da menina, e depressa o médico, que tinha sido chamado, apareceu. Bem, a criança nada tinha de grave; fora maior o medo do que outra coisa, segundo o doutor. E aí, pensará o senhor, o assunto estaria terminado. Mas havia uma circunstância curiosa. Eu tinha me tomado de verdadeira aversão por aquele cavalheiro, à primeira vista. O mesmo acontecera com a família da criança, o que era bastante natural. Mas o caso do médico foi que me impressionou. Era ele o tipo habitual do boticário feito sob medida, sem cor nem idade particular, dono de forte sotaque de Edimburgo e quase tão emotivo quanto uma gaita de foles. Bem, senhor, aconteceu-lhe o que tinha acontecido conosco: de cada vez que ele olhava para o meu prisioneiro eu percebia que o doutor ficava branco de desejo de acabar-lhe com a vida. Percebi o que lhe ia pela cabeça, tal como sabia o que ia pela minha, e como não se poderia pensar em matá-lo, fizemos o que mais se aproximaria disso. Dissemos ao homem que podíamos e faríamos tamanho escândalo com aquele caso, a ponto de seu nome cheirar mal de uma ponta a outra de Londres. Se tivesse amigos ou crédito, faríamos com que perdesse ambas as coisas. E todo o tempo, enquanto malhávamos o ferro quente, mantínhamos as mulheres distantes dele, da melhor maneira possível, pois estavam tão furiosas como harpias. Jamais vi um círculo de rostos tão cheios de ódio, e lá estava o homem, no centro, com uma espécie de negra e escarnecedora frieza; amedrontado, também, bem podia eu perceber, mas enfrentando a situação, senhor, tal como Satã. “Os senhores resolveram fazer deste acidente um acontecimento”, disse

¹ Juggernaut: referência a uma das representações do deus indiano Vixnu, cujo carro, dizia-se erroneamente, ia esmagando os fanáticos que sob ele se atiravam. Realmente, qualquer morte ou derramamento de sangue no templo na presença do deus era considerada profanação.

ele, “e eu, naturalmente, nada posso evitar. Qualquer cavalheiro só pode querer evitar uma cena. Digam-me que importância desejam”. Bem, exigimos cem libras para a família da criança. Era evidente que ele não queria pagar e estava inclusive disposto a brigar, mas deve ter percebido que levaria a pior e desistiu. Agora, seria necessário ir buscar o dinheiro. E para onde pensa o senhor que ele nos levou, se não para aquela casa que tem a porta? Sacou uma chave, entrou para lá e logo depois voltava com dez libras em ouro e um cheque a ser descontado no Coutt, pagável ao portador, e assinado com um nome que não posso mencionar, embora seja um dos pontos da minha história. Mas era um nome muito conhecido, afinal, e frequentemente impresso. Tomei a liberdade de dizer ao meu cavalheiro que aquele negócio todo me parecia apócrifo: que um homem, na vida real, não entra por uma porta de porão às quatro horas da manhã e sai dela com um cheque assinado por outro homem, um cheque de quase cem libras. Mas o homem mostrava-se muito tranquilo e zombeteiro. “Tranquilizem-se”, disse ele, “ficarei com os senhores até que os bancos abram, e eu próprio descontarei o cheque”. Assim, saímos todos dali, o médico, o pai da menina, nosso amigo e eu próprio, e passamos o resto da noite em meus aposentos. No dia seguinte, depois da primeira refeição, fomos, incorporados, ao banco. Eu próprio entreguei o cheque e disse que tinha toda a razão para pensar que se tratava de uma falsificação. Nada disso. O cheque era válido.

— Mas que história! — disse o sr. Utterson.

— Vejo que o senhor se sente como eu me senti — falou o sr. Enfield. — Sim, é uma história horrível. Porque meu camarada era um homem com quem ninguém poderia ter coisa alguma em comum, um homem realmente amaldiçoado. E a pessoa que assinara aquele cheque é o expoente máximo das decências, famoso também, e (o que faz o caso pior) um dos homens que pratica o que se costuma chamar o bem. Penso que houve extorsão: um homem honesto pagando sem o desejar por alguma irreflexão da juventude. Casa da Extorsão, eis como chamo esse edifício com a porta, em consequência disso. Embora mesmo isso fique longe de ser uma explicação para tudo aquilo — acrescentou ele.

E, tendo dito essas palavras, caiu em meditação. Dela saiu ao ouvir o sr. Utterson perguntar, bastante repentinamente:

— E o senhor não sabe se o homem que assinou o cheque mora ali?

— Lugar agradável, não? — retorquiu o sr. Enfield. — Mas acontece que reparei no endereço dele. Mora numa dessas praças por aí.

— E o senhor jamais fez perguntas sobre... o lugar com a porta? — insistiu o sr. Utterson.

— Não, senhor. Eu tenho uma fraqueza: detesto muitíssimo

fazer perguntas — foi a resposta. — É coisa que participa demais do estilo do Dia do Juízo Final. Faz-se uma pergunta, e é como se se atirasse uma pedra. Está a gente tranquilamente sentado no alto de uma colina, e lá se vai a pedra, derrubando outras. Logo depois aparece um afável e velho pássaro (o último em que pensaríamos), leva uma pedrada na cabeça no próprio jardim dos fundos de sua casa e a família tem de mudar de nome. Não, senhor, isso é um regulamento meu: quanto mais a coisa me parece estranha, menos perguntas faço.

— Esse é um bom regulamento — disse o advogado.

— Mas estudei o lugar sozinho — continuou o sr. Enfield. — Mal parece uma casa. Não há outra porta, e ninguém entra nem sai, a não ser, muito de longe em longe, o cavalheiro da minha aventura. Há três janelas que dão para o pátio no primeiro andar e nenhuma janela no de baixo. As janelas estão sempre fechadas, mas limpas. E há uma chaminé que geralmente deita fumo, portanto alguém mora ali. Ainda assim, isso não é bem certo, pois os edifícios são tão aglomerados em torno desse pátio, que é difícil saber onde termina um e começa o outro.

O par caminhou ainda um instante em silêncio. E, então, disse o sr. Utterson:

— Enfield, aquele seu regulamento é bom.

— Sim, acho que é — respondeu Enfield.

— Mas, apesar disso — continuou o advogado —, há um ponto sobre o qual quero fazer uma pergunta: quero perguntar o nome do homem que pisou a criança.

— Bem — disse o sr. Enfield —, não vejo mal nisto. O nome do homem é Hyde.

— Hum! — perguntou o sr. Utterson. — Que espécie de homem é ele, fisicamente?

— Não é fácil descrevê-lo. Há algo de estranho em sua aparência, algo de desagradável, algo inteiramente detestável. Jamais vi homem com quem antipatizasse mais e, entretanto, mal sei o porquê de tal antipatia. Deve ter uma deformação qualquer: dá forte impressão de deformidade, embora não seja possível especificar o ponto. É homem de aspecto extraordinário, contudo nada posso apontar de concreto, como responsável por isso. Não, senhor. Não sei mais que dizer: não posso descrevê-lo. E não é por falta de memória, pois claro que posso recordá-lo tal como é, neste momento.

O sr. Utterson caminhou de novo em silêncio e evidentemente pensando os pensamentos.

— Tem certeza de que ele usou uma chave? — indagou, finalmente.

— Meu caro senhor... — começou Enfield, inteiramente surpreso.

— Sim, eu sei — disse Utterson. — Sei que deve parecer